

STUDIA IBERYSTYCZNE

**Portugalia, Brazylia, Afryka
Wokół Vergílio Ferreiry**

* * *

**Portugal, Brasil, África
Em torno de Vergílio Ferreira**

STUDIA IBERYSTYCZNE

nr 9

Redakcja pisma „Studia Iberystyczne”

Anna Sawicka (redaktor naczelny i sekcja katalońska)

Maria Filipowicz-Rudek (sekcja galicyjska)

Anna Rzepka (sekcja portugalska)

Ewa Nawrocka (sekcja iberoamerykańska)

Rosanna Krzyszkowska-Pawlik (sekretarz redakcji)

Rada naukowa / Comité Científico

Beata Baczyńska, Uniwersytet Wrocławski (Polska/Polonia)

Marek Baran, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Jerzy Brzozowski, Uniwersytet Jagielloński (Polska/Polonia)

Arturo Casas, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Ubaldo Cerezo Rubio, Universidad de Alcalá (Hiszpania/España)

Juan de Dios Luque Durán, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Silvia Kaul, Universidad Nacional de Rio Cuarto (Argentyna/Argentina)

Margarita Llitas, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Gilles Luquet, Université Paris III, La Sorbonne Nouvelle (Francja/Francia)

Wacław Nowikow, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Antonio Pamies Bertran, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Janusz Pawlik, Uniwersytet im. A. Mickiewicza w Poznaniu (Polska/Polonia)

Ramon Pinyol, Universitat de Vic (Hiszpania/España)

Bogdan Piotrowski, Universidad de la Sabana (Kolumbia/Colombia)

Klaus Pörtl, Johannes Gutenberg Universität Mainz (Niemcy/Alemania)

Emilio Ridruejo, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Elżbieta Skłodowska, Washington University in Saint Louis (USA/EE.UU.)

Francisco Torres Monreal, Universidad de Murcia (Hiszpania/España)

Alejandro Veiga, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Joan Ramon Veny Mesquida, Universitat de Lleida (Hiszpania/España)

Joanna Wilk-Racińska, Uniwersytet Śląski (Polska/Polonia)

PORTUGALIA, BRAZYLIA, AFRYKA

Wokół Vergílio Ferreiry

*** * ***

PORTUGAL, BRASIL, ÁFRICA

Em torno de Vergílio Ferreira

Pod redakcją:
ANNY RZEPKI
NATALII CZOPEK



Księgarnia Akademicka
Kraków 2010

Copyright by Instytut Filologii Romańskiej Uniwersytetu Jagiellońskiego

Recenzenci:

prof. dr Regina Przybycień, Universidade Federal do Paraná, Brazylia
dr hab. Jerzy Brzozowski, prof. UJ

Konsultacja językowa: Ana Wąs-Martins

Korekta: Joanna Milek

Skład i łamanie: Małgorzata Manterys-Rachwał

Projekt okładki: Igor Stanisławski

Publikacja dofinansowana przez
Wydział Filologiczny Uniwersytetu Jagiellońskiego
oraz Instytut Camõesa w Lizbonie

A publicação co-financiada pela Faculdade de Letras
da Universidade Jagellónica e o Instituto Camões em Lisboa



ISSN 2082-8594

KSIĘGARNIA AKADEMICKA

ul. św. Anny 6, 31-008 Kraków
tel./faks: 012 431-27-43, 012 663-11-67
e-mail: akademicka@akademicka.pl

Księgarnia internetowa:
www.akademicka.pl

ÍNDICE

Od redakcji.....	7
Nota da redação.....	9

LINGUÍSTICA

Henrique Barroso: O <i>progressivo</i> no português europeu de hoje: expressão, combinatória e variação.....	13
Natalia Czopek: Algumas observações sobre o futuro do conjuntivo português e <i>futuro de subjuntivo</i> espanhol.....	35
Przemysław Dębowiak: As cores nos nomes de lugares habitados em Portugal	49
Denise Gomes Dias: Sobre artes, ofícios e linguagem: notas sobre uma abordagem etnolinguística.....	65
Barbara Hlibowicka-Węglarz: Para compreender a situação linguística em Moçambique	77
Edyta Jabłonka: Tempos futuros na língua portuguesa e os seus equivalentes em polaco	87
Justyna Wiśniewska: Os equivalentes polacos da perífrase verbal <i>estar+a+infinitivo</i>	101

LITERATURA

Mário J. Aires dos Reis: O tópico do <i>tempus fugit</i> em <i>Em Nome da Terra</i> de Vergílio Ferreira.....	115
Isabel Araújo Branco: A animalidade do homem em contos de Miguel Torga	127
Fabiane Renata Borsato: Morte na antilírica de João Cabral de Melo Neto.....	141

Robson Coelho Tinoco: Poesia brasileira (ex-cêntrica): marcas de um neorromantismo contemporâneo.....	155
Regina Dalcastagnè: A cor de uma ausência: representações do negro na narrativa brasileira contemporânea	169
Renata Díaz-Szmidt: O universo feminino na poesia das mulheres angolanas no início do século XXI	185
Anna Kalewska: Vergílio Ferreira, Camões, Platon i inni, czyli o odzyskiwaniu utraconych znaczeń w kulturze nowożytnej Europy	201
Violante F. Magalhães: Uma leitura de <i>Vagão 'J'</i>	221
Ana Bela Morais: Amor e violência na obra de Vergílio Ferreira	233
Jerusa Pires Ferreira: Fernando Pessoa e os Santos Populares	245
João Ribereite: Jogar a vida com a morte em <i>A Noite e o Riso</i> de Nuno Bragança, <i>Alegria Breve</i> de Vergílio Ferreira e <i>O Sétimo Selo</i> de Ingmar Bergman	251
Monika Świda: Fernando Pessoa e o saudosismo de Teixeira de Pascoaes.....	265
Anna Wolny: Passando pelas portas entreabertas – Jorge Barbosa: <i>Carta para Manuel Bandeira</i>	291

VARIA

Marcos Nunes de Vilhena: <i>Portugalczyk Osculati</i> – fazer um português ou <i>fazer de português</i> na Polónia?	307
Jolanta Rękawek: Mais perto do samba do que da valsa: Glauber Rocha e o Cinema Novo.....	327

Isabel Araújo Branco
Universidade Nova de Lisboa

A animalidade do homem em contos de Miguel Torga

Resumo:

Este artigo aborda a animalidade das personagens humanas em contos do português Miguel Torga (1907-1995), inseridos em *Bichos*, *Contos da Montanha* e *Novos Contos da Montanha*. Os próprios animais servem como contraponto ao homem, contribuindo para uma reflexão sobre quais são as características humanas e quais as selvagens. As personagens são agrupadas de acordo com os seus traços: alheamento; a força do instinto; a utilização de estratégias marcadamente animais; etc. No final, conclui-se que Torga pretende destacar a dimensão animal do homem e simultaneamente a humanidade do bicho, mostrando como ambos têm da mesma origem, a terra-mãe.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa Contemporânea, Miguel Torga, contos, homens, animais.

Abstract:

The animality of the men in Miguel Torga's short stories

This article discusses the animality of the human characters in short stories of the Portuguese Miguel Torga (1907-1995), embedded in *Bichos*, *Contos da Montanha* and *Novos Contos da Montanha*. The animals themselves serve as a counterpoint to the man, contributing to a reflection on

what are the human characteristics and what are the wild. The characters are grouped according to their traits: alienation; the strength of instinct; the use of strategies markedly animals; etc. In the end, it is concluded that Torga intended to highlight the animal dimension of the man and the humanity of the animal, showing how both have the same origin, the mother earth.

Keywords: Contemporanean Portuguese Literature, Miguel Torga, short stories, men, animals.

A obra de Miguel Torga, em particular os contos, reflectem a sociedade comunitária e a sua relação com o animal ancestral, o bicho-pai que permanece nos homens. E, se a dimensão de igualdade social desapareceu nas aldeias e vilas de Trás-os-Montes de que Torga fala, ele, em certa medida, recupera-a através da aproximação das suas personagens humanas aos animais. É essa animalidade do homem que procuramos analisar, partindo de vários contos de *Bichos*, *Contos da Montanha* e *Novos Contos da Montanha*. De referir que os animais são muito valorizados por Torga, apresentando alguns características superiores. No caso do sapo *Babo*, de *Bichos*, é o próprio animal que mostra ao homem perspectivas do mundo que ele desconhecia. Isto significa que o facto de o homem poder ser um bicho não é necessariamente desprezível, embora muitas vezes limite a sua acção e pensamentos.

1. Homens-bichos

«[...] as fronteiras entre o “animal” e o “humano” atenuam-se em Miguel Torga de duas maneiras: pela atribuição aos animais de comportamentos, atitudes, sentimentos, qualidades, modos de pensar humanos; e devido a uma visão do homem que sabe descobrir nele – ou não tenta esconder nele – a parte do “bicho”» (Santos, 1998: 127), afirma João Camilo dos Santos. Esses homens-bichos aparecem em vários contos, assumindo contornos diferentes, mas quase todos podendo ser agrupados de diversos modos: o alheamento; a força do instinto;

e a utilização de estratégias marcadamente animais. Isolados ficam Nicolau e Gabriel, o primeiro como ser que se situa algures entre homem e bicho e que, no final, revela ser mais humano do que parecia; o segundo na sua condição de mediador entre dois mundos.

1.1. O senhor Nicolau

No conto “O senhor Nicolau”, onde estão os bichos? Nos insectos capturados e coleccionados por Nicolau ou no próprio coleccionador, isolado da sociedade, solitário, confortável apenas quando prossegue a sua busca? Sem dúvida que o “bicho” do conto é Nicolau. A frase de abertura marca desde logo esta perspectiva: “O pai queria fazer dele um homem” (Torga, 1987). À primeira leitura, a expressão “fazer dele um homem” terá apenas o sentido de o tornar uma pessoa respeitada, mas o texto mostra-nos que o pai quase nem no sentido literal consegue atingir o seu fito. O homem é um ser profundamente social, que vive com os outros e interage. Esse aspecto está quase ausente em Nicolau – e isso faz dele menos homem do que os outros homens. Por isso é incluído em *Bichos*.

Este é o único conto da obra que é precedido por um título, “senhor”, marcando assim a distinção social da personagem. Desta forma, o senhor Nicolau distingue-se de todos os outros protagonistas da obra, pelo menos aos olhos de quem assim o chama. No entanto, o próprio narrador, ao colocá-lo no meio dos outros “bichos”, poderá não fazer esta distinção. De facto, o vocabulário por ele utilizado aponta para a sua perspectiva sobre Nicolau: classifica a obsessão pelos insectos como uma “desgraça” e considera que o homem é uma “criatura”, um “lunático”, um “desgraçado”, que se transforma num “coveiro” de um “cemitério” de insectos e vive num mundo fechado. Ele “era um bicho”, diz.

No entanto, só o facto de ser “senhor”, ou seja, ter um rendimento fixo independente do seu trabalho, é que lhe permite ter uma vida livre, dedicando-se à sua busca. Se não vivesse numa sociedade humana organizada que permite acumular dinheiro não poderia levar esta existência, porque teria de responder permanentemente

às necessidades de sobrevivência, procurando comida, bebida e protecção contra os inimigos e as condições climatéricas. Aliás, bastava ser pobre para passar pelo mesmo. Só consegue viver para a sua colecção por ser rico.

Acompanhamos a vida de Nicolau, de criança ao momento da morte, percebendo como a sua obsessão se impõe de modo ímpar. Ele é “abstracto, alheado, fora do mundo”. Ou melhor, fora da sociedade e da vida que o pai lhe delineou, chegando ao ponto de quase interromper uma saudação para apanhar insectos. Em pequeno, desaparece à procura de bichos. Entretanto na sua busca, só a fome (ela própria uma necessidade animal) o leva de novo à sociedade, suspendendo temporariamente as suas actividades. No liceu, só tinha boas notas na cadeira de Zoologia. O pai queria que se tornasse médico. Poderia ser a profissão ideal, a que está mais perto da sua vocação depois da veterinária, visto a medicina tratar do corpo, do lado orgânico e animal do homem. Contudo, esta ciência não lhe interessa o suficiente, preferindo a colecção de bichos. Neste ponto torna-se evidente que, quando são postas lado a lado a dimensão humana e a dimensão animal de Nicolau, vence a dimensão animal que despreza o racionalismo e a ciência e se fica pela mera observação.

Até ao fim da vida, ele está mais próximo dos animais do que dos homens, seja pelo seu interesse e actividade exclusiva, seja por não conviver com ninguém nem ter cuidados de higiene. Morre “quieto e feliz”, imaginando-se um insecto que vai ser colocado numa caixa. Está de tal modo concentrado no seu mundo que, quando é picado pelo médico, imagina que este enfia uma agulha no seu corpo, como ele fazia com os insectos, e censura a habilidade do médico. Mas aqui, nesta reflexão, espelha-se finalmente a sua dimensão humana: “Era éter acético primeiro, e só então...” O éter acético é usado na veterinária como anestésico local – Nicolau anesthesiava primeiro os insectos antes de os prefurar com a agulha: matava-os, mas sem dor, numa preocupação profundamente humana.

1.2. Os instintos, fortes e incontroláveis

No conto “O Amor”, incluído em *Contos da Montanha*, Lídia é pretendida por vários rapazes. Não se compromete com nenhum, mas também não os rejeita, permitindo que se criem situações confusas e desentendimentos entre os vários pretendentes. Neste texto é evidente que a rapariga “se nega a aceitar o ónus de decidir entre vários homens que a procuram. E assim se nega a preservar a estabilidade social da patriarquia” (McNab, 1998: 284), como nota Gregory MacNab. Os habitantes da aldeia condenam-na, porque “parece manter-se alheia” e concluem que “essa inocência, essa ingenuidade, porém, são subversivas”.

É quase uma inconsciência de criança – ou de animal – acrescentamos nós. Por isso Lídia não compreende os conselhos que as mulheres lhe dão no sentido de assumir um namoro nem percebe as acusações de Lúcio e de Verdeal, que mortos às mãos um do outro, a classificam como “excumungada”. Esta inconsciência animal rima com a forte atracção que Lídia provoca nos homens, encarnando a figura de mulher-desejo, ou melhor, de fêmea no cio, que todos os machos desejam possuir, mesmo que para isso tenham de eliminar outros concorrentes.

Esta dimensão animal de Lídia e dos homens é sublinhada pelo narrador ao longo do conto através do vocabulário e de algumas expressões. Os rapazes, juntos no dia da inspecção, “nus em pelo, pareciam cordeiros tosquiados” (Torga, 2006). Ela, “com os seios a enfunarem-lhe a blusa de chita”, ao mesmo tempo mostra-se disponível e recusa-se “num requebro enigmático”. Mas, tal como a sua gargalhada é pura, Lídia não tem plena consciência do poder que exerce sobre os homens nem pretende fazer jogos de interesse ou maldade. É fêmea, mais do que mulher, e, como tal, é acometida pelo desejo masculino, pela vontade dos machos a possuírem, de a tornarem sua – e a todos vê como iguais, sem conseguir distinguir neles nada que os valorize e que os separe do grupo.

Gregory MacNab refere que Lídia “mostra não aceitar as convenções da sociedade em que vive”, numa resistência à junção do casal

tradicional e diminuição da importância do masculino. É esta também uma consequência de se ser animal: respeita os instintos – fortes e incorotáveis –, mas evita as regras sociais, humanas e fabricadas. Porque ela é corpo acima de tudo, não mente – como os bichos. Como eles age e não compreende porque é condenada se nada fez. E, como eles, o corpo fala por si, chama o macho e tende a interagir com todos os que lhe aparecem. Esbarra apenas no social – no humano, pois –, que repreende a sua linguagem física e a ausência de compromisso com um homem apenas, afinal compromisso com as regras sociais – e, sublinhamos, humanas. É o instinto, o animal que fala mais alto e que, no fim, ganha: Lídia não compreende as acusações morais (sociais, repetimos) de que é alvo, Lúcio e Verdeal combatem-se até à morte, em luta pela fêmea, prescindindo do diálogo e da tolerância. As regras da natureza acabam por predominar: a fêmea atraente exala desejo, os machos rondam-na e a competição termina em violência e morte.

Esta primazia do instinto e a aproximação da esfera animal está também presente em outro conto da mesma obra, “Um Filho”. Mas, aqui, o ímpeto violento dá lugar a um ambiente de paz e serenidade, com o instinto a transformar-se quase em santidade. Encontramos uma profunda harmonia com os fenómenos naturais (do clima da serra ao parto) que indica como a vida animal pode ser branda. No fundo, mostra-se como se pode levar uma existência serena, sem a intervenção da dimensão social.

O pastor Rebel vive isolado no topo da montanha. Desce à aldeia – símbolo da civilização, mesmo que constitua a sua unidade mínima – apenas para casar, regressando a casa com a noiva, Júlia. A sua ligação com a civilização fica-se por aí e, no momento excepcional do parto da mulher, conclui que é duplamente inútil: por um lado, a sociedade não o ajuda (o sogro recusa-se a emprestar dinheiro e Joana Pedra adia a sua visita à montanha para o dia seguinte); por outro, quando regressa a casa e vê que o filho já nasceu, percebe que afinal não era necessário qualquer auxílio da aldeia. A natureza seguiu o seu rumo e tudo correu bem. Como acontece com os animais.

A sua compreensão do mundo faz-se à luz dos ciclos dos bichos e não percebe que o filho possa nascer no Inverno. Se as ovelhas têm

as suas crias em períodos mais quentes, não há razão para que com Júlia seja diferente: “Em Janeiro?! No pino do Inverno?! Juizinho! Ao menos deixasse vir o Março. Não via como as crias da Peluda tinham morrido de frio? Em Março. Em Março é que estava bem.” Mais tarde, quando Júlia começa com as dores de parto, vai cortar ramos para alimentar as ovelhas antes de ir pedir ajuda à aldeia. Dividido entre o balido das ovelhas e os gritos da mulher, vencem as primeiras.

Mas não é apenas Rebel que deixa predominar a ascendência animal; também Júlia o faz, com o seu “ar de maçã camoesa”: primeiro casa-se com ele, levada pelo desejo de “um homem a cheirar a urze e com ar de lobo”, uma espécie de ser selvagem; depois aceita os adiamentos sugeridos pelo marido e acaba por não comprar o enxoval do bebé; mais tarde, pare o filho sem ajuda de ninguém. Sublinhe-se que o parto constitui um dos momentos mais animais da existência humana e que a ajuda de outras pessoas é normal. Só entre os bichos é que este acto não é auxiliado. Júlia, pelo contrário, teve o filho completamente sozinha. Isolada no monte, foi mais animal do que os animais – e saiu vitoriosa: leu à luz um filho saudável e ela própria não teve complicações físicas.

A criança fecha este triângulo, ocupando um vértice onde talvez a dimensão animal predomine ainda mais. Era “um filho simples, natural, sem precisos, sem Joana Pedra, sem faixas, sem cueiros, sem nada”. O bebé nasceu sozinho, sem ajuda de parteiras e sem precisar de materiais e de roupas. Não tinha necessidades nem exigências, tal como um bicho acabado de parir. Só precisa da mãe e do seu leite – “acordou cedo a gritar com a mesma fome do gado”.

1.3. Estratégias animais

Do conjunto de personagens dos contos de Miguel Torga, destacam-se algumas pela sua utilização de estratégias animais, em que a tentativa de eliminação do inimigo se impõe. É o caso dos protagonistas dos contos “O Lopo” e “A Caçada”, ambos integrados em *Novos Contos da Montanha*. No primeiro, Lopo vê a sua mina passar para as mãos do senhor Casimiro, “rico e manhoso” (Torga, 1988). Não con-

ta a ninguém nem deixa transparecer o desespero, mas esta atitude de auto-controlo e de racionalidade esconde um plano de vingança. A vingança obriga à fuga, mas representa acima de tudo uma libertação, simbolizada pelo próprio percurso que Lopo faz entre a sua casa e a casa de Casimiro: “E cada passo que dava ia libertando as ervas que o sincelo prendera.” De espingarda na mão, procura o inimigo. A morte confirma o sentimento de libertação, procurado por Lopo, e comprovado pelo narrador: “O tiro partiu, o podador [Casimiro] caiu de bruços sobre a videira, e o sol por detrás dos montes começou a tentar encher o dia de inverno de uma luz doirada de primavera.” Esta morte está duplamente de acordo com a natureza, porque, por um lado, resulta de uma acção violenta e animalesca, e, por outro, parece repor o equilíbrio do mundo.

No caso de “A Caçada”, encontramos também uma tentativa de vingança violenta, mas com um final diferente. Felismino e Marta partem para um dia de caça, sabendo ambos que se trata de um jogo de sobrevivência. Os dois preparam-se para matar o outro dissimulando com um pretenso acidente. Mantêm o jogo durante todo o dia, mantendo-se alerta para salvar a vida. Fingem cortesia, mas existe apenas violência, medo e vigilância. Felismino e Marta parecem estar “invulneráveis à torreira e à fadiga”, porque o instinto de sobrevivência é mais forte: o primeiro que hesitar é liquidado. Ambos o sabem, por isso ambos se mostram fortes. A aparência de segurança e solidez é levada a sério, indiciando seres robustos. Mais do que ser importa parecer, de forma a impôr respeito ao inimigo e prevenir o seu ataque, não só porque dispensa um desperdício de forças, mas também porque, no íntimo, não está certo na vitória. É preciso mostrar as garras para afastar o inimigo e os dois homens fazem-no durante toda a caçada. No fim vêem que estão de igual para igual: “Em frente um do outro, mediram-se ainda, num último e mudo desafio...” São os dois fortes, condição atestada pelo número de perdizes caçadas: “Tinham doze cada um.” Desta igualdade reconhecida por ambos, surge o respeito mútuo e a harmonia e, no final do dia, desistem da vingança.

1.4. Entre o homem e o bicho

O pastor Gabriel tem um poder especial sobre as ovelhas, comunicando com elas, “numa comunhão instintiva com a natureza”. Esta relação privilegiada com a natureza, coloca Gabriel num lugar excepcional, por ser simultaneamente único – ninguém mais consegue manter esta relação com os animais – e fronteiro – está no limiar de dois mundos. O pastor, colocado nesta posição de mediação, pertence a ambas as dimensões e não pertence a nenhuma. Não se esforça por se aproximar mais dos humanos, nem abandona a atitude de supremacia em relação às ovelhas. É um rebelde, tal como os animais que escolhe para o rebanho. Com eles mantém uma aliança, transformando-se no chefe de “um bando de salteadores”. Tanto o pastor como as ovelhas ganham com isso: elas comem sempre, mesmo quando os bons pastos rareavam; ele sobrevive graças às ovelhas bem nutridas. Trata-se de uma relação de simbiose: ambos têm proveito com o outro. A simbiose é, aliás, uma das relações mais comuns entre espécies animais e implica uma inter-relação íntima entre os organismos envolvidos ao ponto de se tornar obrigatória. De facto, também no caso de Gabriel isso acontece: sem ovelhas, Gabriel teria de arranjar outra ocupação; sem Gabriel, as ovelhas passariam fome. Tudo isto acontecia instintivamente.

2. Lado a lado

Colocados no mesmo plano, em paralelo, encontramos uma espécie de “pares de bichos”, em que se realçam as características de um e de outro, num exercício que resulta em conclusões menos óbvias: o macho Morgado e o seu dono, e as várias personagens de “Repouso” e “Maio moço”. Isabel Vaz Ponce de Leão fala numa “Arca de Noé, onde os bichos simbolizam homens, e em harmoniosa coabitação, surge o bicho-homem” (Leão, 2003: 33). Contrapomos nós que a “harmoniosa coabitação” nem sempre existe, simplesmente porque a natureza é feita de lutas, de esforços e empenhos. Por isso,

a coabitação existe entre estes dois universos animais: o dos “bichos clássicos” e o da gente da montanha. Como escreveu Miguel Torga em *Diário*, IV, “o homem é, ao cabo e ao resto, um animal. Sofra, pois, como animal e não como deus”.

2.1. *Macho e patrão*

No conto “Morgado”, incluído em *Bichos*, são postos lado a lado um macho e o seu dono. Surgem como companheiros em todas as ocasiões, nos bons e nos maus momentos, trocando cumprimentos e carinhos, assumindo manias e idiossincrasias, revelando sentimentos e susceptibilidades, partilhando esforços e responsabilidades.

O macho Tenório tem características tipicamente humanas. «O dom da reflexão e o dom da fala, a atribuição de correntes de consciência aos animais, a sua caracterização através de atitudes, pensamentos e sentimentos que os assemelham aos homens e os integram de maneira perfeita no universo do humano retiram a estes “bichos” a qualidade de seres puramente selvagens, profundamente diferentes dos homens e seus contrários absolutos», escreve João Camilo dos Santos. Esta afirmação pode ser aplicada precisamente a Tenório, que se revela mais bondoso e leal do que o dono, portanto, seu inverso, a impressão positiva do negativo que é o homem. O macho aprecia os carinhos que lhe fazem, reage a motivações, anima-se com expressões divertidas, fica ofendido quando o tratam com maus modos, reflecte no futuro e tem maus pressentimentos que procura afastar com pensamentos racionais. O narrador vai mais longe e confere humanidade explícita ao animal (“bem comido e bebido, um homem trabalha com alegria.”) e classifica o homem como “patrão”, o que pressupõe uma relação de trabalho e remuneração, não de posse.

O macho é atacado por um animal selvagem, tal como o homem. A sua hipótese de sobrevivência não vem da luta, mas sim da fuga. Morgado não é, portanto, assim tão animal como pareceria. Está domesticado e interiorizou de tal forma esta dimensão que nem é capaz de se defender de um ataque físico. Por outro lado, ele luta contra as ofensas morais com palavras, como fazem os humanos. O mesmo

acontece com a tentativa de ultrapassar os medos e as dificuldades, convencendo-se a si próprio da normalidade da situação. Os ataques físicos da besta só têm uma resposta: a fuga pela estrada (não pelo meio da serra, mas pelo caminho dos homens) e a esperança no nascimento do novo dia e a vinda da luz.

No caminho da serra, quando se começam a ouvir os uivos dos lobos, o homem aproxima-se do macho e ficam juntos “como se fosse um só”. Mas esta aparência de igualdade é rapidamente desvanecida. O narrador fala em “disfarce” e o dono usa a primeira pessoa do singular na sua lamentação: “Raios partam a minha pouca sorte!” A aliança foi atraçoada pelo homem. O macho, todavia, persiste na ideia da dupla, utilizando, ele sim, a primeira pessoa do plural: “estavam liquidados.”

No final, o homem é o mais bárbaro, porque abandona o macho e deixa-o à sua sorte, lamentando não pela vida de Morgado, mas pelo dinheiro que deu por ele. Morgado é muito mais do que um animal a lutar pela sua sobrevivência. Ele contava com a lealdade do homem, mas este vê-o apenas como uma besta de carga. Postos lado a lado, o macho é mais humano, porque o que mais lhe custa é a traição do homem e perceber que aquele só se preocupa com o valor monetário que ele representa. Na verdade, não se trata de uma questão de dinheiro, mas sim de lealdade e traição, companheirismo e desilusão, estando o animal no lugar do traído que se mantém sempre leal. Apenas Morgado o compreende, mais sensível, mais inteligente e com um comportamento mais correcto do que o do dono – mais humano do que o homem.

2.2. *A criança e a fera*

Em “Repouso” (*Novos Contos da Montanha*) e “Maio moço” (*Contos da Montanha*), um inimigo por todos temido e com traços de besta incontrolável é vencido por uma criança. No primeiro caso, o homem-animal é Joaquim Lomba, no segundo é um lobo que ataca um rebanho que pasta na serra. Ambos são fortes e assustam. O lobo ataca uma ovelha e, perante as ameaças do pastor Gonçalo, recusa-se

a largá-la. Por seu lado, Joaquim Lomba assassinou vários homens e espalha o medo. Andava “sozinho, sujo, coberto da sombra do medo e da desconfiança”. Ele quer serenidade, mas torna-se evidente a “impossibilidade de harmonia”.

Fortes e aparentemente invencíveis, estes dois animais – real, o lobo; metafórico, o homem – são surpreendentemente vencidos por crianças, seres frágeis e pueris. Talvez venha dessa inocência a força que lhes dá a vitória, porque põem de lado o medo e a imagem de invencibilidade do inimigo. Os adultos reagem com receio e fogem e, desta forma, perdem. Lomba é vencido por um rapaz de nove anos, que erguia perante ele “uma vontade”. Usa como única arma a recusa de lhe entregar a cana. Sem ajuda de ninguém, consegue liquidar o inimigo: “Você é parvo ou faz-se? [...] Vá lamber sabão. Ora o palerma!”. O mesmo acontece com Gonçalo de “Maio moço”. Isolado na serra com o rebanho, sem a protecção do cão de guarda, pega no varapau e grita para o lobo: “Grande corno! [...] Cabrão! [...] Excomungado!” Sente primeiro terror, mas depois a angústia transforma-se em fúria e força e, por fim, em “serena e voluntariosa consciência protectora”.

As acções das crianças levam à reposição da harmonia. No caso de “Maio moço”, o narrador refere-se ao rapaz como um “vencedor” e conta como a sua vida se “transfigurou”: tecem-lhe uma “perfumada crónica” e é coroado com a “alegria conivente da natureza”. Em “Repouso”, Lomba, perante a reacção do rapaz, comove-se e mostra um sorriso “terno, que lhe refrescou o coração” e o deixa “estranhamente feliz”. Acaba por se suicidar, um acto visto com alívio pelos aldeões, convencidos de que assim terão paz. É o “Repouso” do título, não só de Lomba, que conseguiu pôr fim aos seu sofrimento, mas também de toda a aldeia.

Conclusão

Ivana Rangel-Carlsen considera que Miguel Torga “escreve directamente a partir do coração da humanidade, ligado, sem desvios,

ao *inconsciente colectivo*, e é esta a principal razão pela qual estes contos, apesar de serem acerca de camponeses tipicamente portugueses de Trás-os-Montes, são susceptíveis de tradução e aceitação universal” (Rangel-Carsen, 1998: 266). Isto acontece porque os bichos de que o autor trata são universais e, dentro deste grupo, a sub-classe dos homens-bichos também.

Em *Bichos*, os títulos dos contos são os nomes das personagens. São os bichos que têm nomes de pessoas ou as pessoas têm nomes de bichos? Uma resposta rápida apontaria para a primeira hipótese, mas a verdade é que, no conjunto da obra, há mais bichos do que pessoas. Por isso os bichos parecem ter mais autoridade sobre os nomes – numa espécie de ditadura da maioria –, ou seja, serão as pessoas que terão nome de bichos. Este efeito é obviamente intencional, porque Torga pretende destacar a dimensão animal do homem e simultaneamente a humanidade do bicho. Homens e animais vêm da mesma fonte, a terra-mãe. São irmãos, companheiros e inimigos e partilham o mesmo espaço. Como Torga tão bem mostra nos seus contos.

Bibliografia

- GONÇALVES, Fernão de Magalhães, (1998), *Ser e Ler Miguel Torga*, Lisboa, Vega.
- LEÃO, Isabel Vaz Ponce de, (2003), *O Essencial sobre Miguel Torga*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MCNAB, Gregory, (1998), “Resistência à Patriarquia, sobre dois contos de Miguel Torga”, em: Francisco Cota Fagundes (ed.), *Sou um Homem de Granito: Miguel Torga e seu Compromisso*, Lisboa, Edições Salamandra, pp. 41-53.
- RANGEL-CARLSEN, Ivana, (1998), “Arquétipos em *Contos da Montanha e Novos Contos da Montanha*, de Miguel Torga”, em: Francisco Cota Fagundes (ed.), *Sou um Homem de Granito: Miguel Torga e seu Compromisso*, Lisboa, Edições Salamandra, pp. 260-269.
- SANTOS, João Camilo dos, (1998), “Homens e Bichos. A Questão do “Humano” em Alguns Contos de Miguel Torga”, em: Francisco Cota Fagundes (ed.), *Sou um Homem de Granito: Miguel Torga e seu Compromisso*, Lisboa, Edições Salamandra, pp. 91-100.

TORGA, Miguel, (1987), *Bichos*, Coimbra, Edição do Autor.

TORGA, Miguel, (2006), *Contos da Montanha*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

TORGA, Miguel, (1988), *Novos Contos da Montanha*, Coimbra, Edição do Autor.